

O medo na terra da morte

Com nove anos de ocupação e 60 mil habitantes, Terra Vermelha já conquistou a fama de bairro violento

LÍLIA BARROS

Após nove anos de existência e ocupação, a morte ainda não mudou de endereço na Grande Vitória. A região de Terra Vermelha, em Vila Velha, é palco de destaque (negativo) nos crimes contra a pessoa.

Na terra do medo, onde ninguém é dono da própria vida, os 60 mil moradores convivem lado a lado com bandidos, como se disso dependesse a própria sobrevivência.

Rebelar-se contra quem descumpra normas classificadas como crimes no Código Penal Brasileiro pode custar a vida.

Por esta razão, morrer, matar, roubar, traficar, trabalhar ou ajudar alguém se tornaram práticas diárias que se confundem e que já não alteram o humor e o comportamento das pessoas que lá vivem.

A fama de local propício para esconderijo de bandidos da própria região ou de outros bairros da Grande Vitória tem contribuído para denegrir ainda mais a imagem da região de Terra Vermelha, sintetizada no título de bairro violento.

PUNIÇÃO

A onda de crimes ligada ao tráfico de drogas, a conflito de terras e ao extermínio de assaltantes é comandada pela lei do submundo, que pune os "faltosos" com a morte.

E o critério de avaliação dessas faltas vai depender de quem as julga, o que significa que uma pessoa pode morrer porque desobedeceu a uma ordem, tirou alguma vantagem ou porque falou demais.

A única diferença óbvia entre passar a noite ou o dia no endereço da morte – considerando que o ambiente de perigo é praticamente o mesmo durante as 24 horas – é que, sem a luz do sol, fica mais difícil identificar o autor do crime.

Mas ao meio-dia ou à meia-noite, na lei do silêncio, ninguém se atreve a dizer que "viu", para não ser o próximo a morrer.

O responsável pelo policiamento da Grande Terra Vermelha, tenente Sebastião Biato Filho, da 5ª Companhia do 4º Batalhão da Polícia Militar (Vila Velha), afirmou que o número de PMs na região é insuficiente para atender à demanda de 60 mil habitantes.

"Temos 50 homens se revezando no policiamento de toda Terra Vermelha. Seria preciso um total de 120", garantiu Biato.

Segundo ele, os PMs têm dificuldade de locomoção com as radiopatrulhas dentro dos bairros, porque as ruas são muito acidentadas e sem pavimentação.

"O tráfico de drogas chega de fora em carros novos e muitas vezes não conseguimos localizar os responsáveis. Talvez a cavalaria funcionasse bem na apuração de ocorrências na região", disse Biato.

MILTON SAMPAIO/AT



Iracema Moreira afirma: "Se morreu, é porque deve"

AJ18447



MILTON SAMPAIO/AT

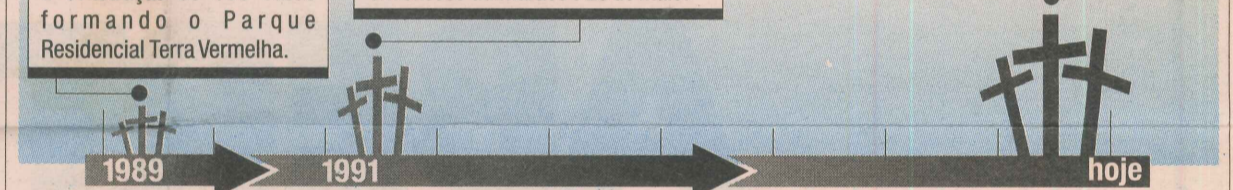
Mesmo durante o dia, os moradores de Terra Vermelha têm medo de sair às ruas

Como surgiu Terra Vermelha

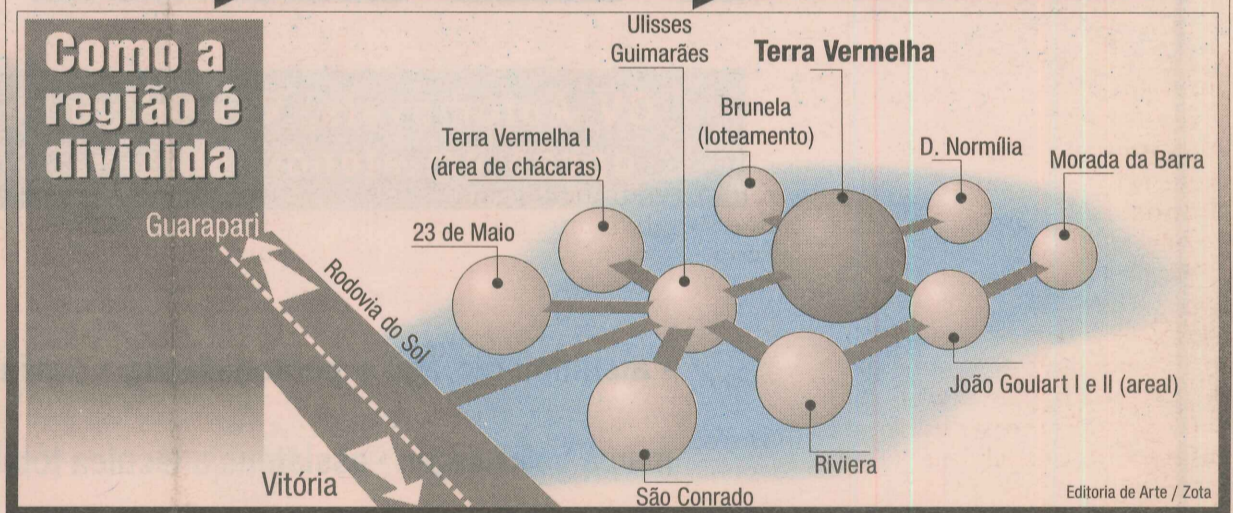
A ocupação de Terra Vermelha começou em 1989 através de doações de lotes feitas pelo governo do Estado. Foi a única ocupação da região feita de forma organizada com a construção de 586 casas formando o Parque Residencial Terra Vermelha.

1991: Começa a ocupação desordenada com capixabas, mineiros e baianos invadindo uma área que recebeu o nome de Ilha da Jussara. Os conflitos por terras geraram mortes e o bairro foi dividido em Ulisses Guimarães e 23 de Maio.

A região de Terra Vermelha tem atualmente cerca de 60 mil moradores. O Centro de Operações da Polícia Militar destaca o local como o segundo em ocorrências de crimes contra pessoas, na Grande Vitória. O bairro mais perigoso em Terra Vermelha é João Goulart.



Como a região é dividida



Editoria de Arte / Zota

Estranha atração por mortos

Atração mórbida por cadáveres e um estranho incômodo quando não ocorrem mortes em Terra Vermelha. Essa é a mania de uma das mais antigas moradoras do bairro, a dona-de-casa Iracema Moreira, 51 anos.

"Quando fico sabendo que caiu mais um por aqui, saio de onde estiver, ando quilômetros a pé, seja à hora que for da madrugada, só para ter o prazer de ver o morto. Quando passa muito tempo sem alguém ser assassinado, fico logo preocupada e ansiosa", afirmou Iracema.

"Eu sinto cheiro de defunto e descubro no faro onde tem mais um. A melhor parte da história é quando chegam a família e a perícia da Polícia Civil, porque eles reviram o corpo de um lado

para o outro para ver o local dos ferimentos. É aí eu dou risadas. Não quero nem saber se estão gostando ou não, porque se morreu é porque deve", considerou Iracema.

"Eu não sei o que acontece comigo. Só sei que gosto de ver e, quando não consigo chegar a tempo, fico chateada e não durmo direito. Inclusive, eu já estou incomodada porque faz alguns dias que não morre ninguém por aqui", disse Iracema no final da tarde de quinta-feira.

Doze horas depois, na manhã de sexta-feira, a reportagem de A Tribuna retornou ao local, para obter ajuda de Iracema na identificação de um suspeito de homicídios na região.

Na hora da visita à casa de Iracema,

na rua B, em Terra Vermelha, um murmúrio tomava conta do local. "Morreu um ali agora e Iracema foi uma das primeiras a correr para ver", contavam as pessoas presentes.

Com efeito, no local onde ocorreu o assassinato a tiros do tratador de animais da Prefeitura Municipal de Vila Velha Luiz Carlos Pereira Lima, 56, no quintal da casa dele, às 6 horas de sexta-feira, a reportagem encontrou Iracema satisfazendo seu desejo de ver mortos.

"Fazia um tempinho que não morria ninguém. Mas agora foi um tal de Luiz", disse Iracema, completando que não conhece nenhum suspeito de assassinato, apenas gosta de ver o morto, porque já se acostumou com isso.